

Contribuições da temática de gênero para o estudo das sociedades

Akino Takeda

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Contato:

akinotakeda@gmail.com

Caio Jardim-Sousa

Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Contato:

caio.lujaso@gmail.com.

Marcos Martins

Ribeiro Jr.

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais

Contato:

marcos.cs.mrj@gmail.com

Yumi Garcia dos

Santos

Professora adjunta do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo - USP

Contato:

yumigds@uol.com.br

Embora a definição de "gênero" e o surgimento de uma área acadêmica voltada para esta reflexão sejam relativamente recentes no mundo lusófono, as discussões dedicadas à condição da mulher na sociedade, às relações de gênero e os processos sociais que interagem com este campo teórico têm experimentado uma rápida aceitação da comunidade acadêmica, em grande parte devido ao potencial que as reflexões deste campo têm mostrado em várias áreas e disciplinas acadêmicas como a Antropologia, a Arqueologia, a Sociologia, a Ciência Política, a História, a Demografia, a Psicologia e muitas outras. As questões acerca das construções social, cultural e histórica das categorias masculino e feminino têm sido objeto de preocupação crescente não apenas no meio acadêmico, mas também para além dele.

O destaque dos movimentos feministas em manifestações de grande escala - possibilitando uma maior vocalização de suas demandas em espaços inespecíficos - têm sido grandes propulsores para a introdução desta reflexão em espaços diversos como a mídia, a política, o jornalismo, a escola e espaços alternativos de sociabilidade, como a Internet. Esta também é responsável pela potencialização das conexões mundiais e do estabelecimento de redes de intensa troca teórica e prática entre feministas e estudiosas/os de todo o mundo, amplificando vozes historicamente marginalizadas e modificando tradicionais concepções sobre gênero, sexualidade, sociedade e poder. Consensos atingidos até certo ponto são rapidamente transformados conforme a incorporação de diversas perspectivas sobre o mesmo fenômeno e o acréscimo de novos pontos de vista baseados em experiências multímodas.

Dentro das Ciências Humanas, a categoria gênero tem muito a contribuir. Seja por meio de pesquisas práticas ou reflexões filosóficas e teóricas, esta esfera tem dado conta sobre como a realidade social é construída e como estruturas sociais podem ser refletidas por fenômenos específicos aos quais certos campos não prestam muita atenção. Assim, Carla Julião da Silva e Willians Alexandre Buesso da Silva conduzirão questões sobre trabalho e arranjos familiares a partir da vivência de empregadas domésticas da cidade de Marília/SP, artigo no qual podemos ver a materialização de relações sociais que misturam instituições familiares com a questão do trabalho, trazendo uma contribuição teórica-histórica realizada com base no conceito da divisão sexual do trabalho. Já Murilo Bernardino Polato nos apresenta uma im-

portante análise sobre a legislação no estado de São Paulo que impôs penalidades à prática de discriminação em razão de orientação sexual, demonstrando como as legislações que versam sobre a comunidade LGBT têm contribuído para a defesa desta população e como garantia de acesso ao direito.

Novas categorias analíticas que são agora abundantemente utilizadas nas Ciências Humanas são diariamente ampliadas e aprofundadas devido às discussões emergentes deste campo de estudo ou através do debate político feminista, que buscam transformar dados sociológicos em ferramentas para compreender e transformar o mundo no qual as mulheres e os homens vivem. A interação entre estas duas perspectivas é também essencial para o desenvolvimento dos estudos em questão, que devem muito de sua origem ao trabalho de mulheres advindas de diversos panos de fundo políticos. A relação entre feminismo, mulheres e ciência é discutida por Priscila Williams a partir da epistemologia feminista, onde veremos o surgimento da crítica do movimento feminista às formas de se fazer ciência.

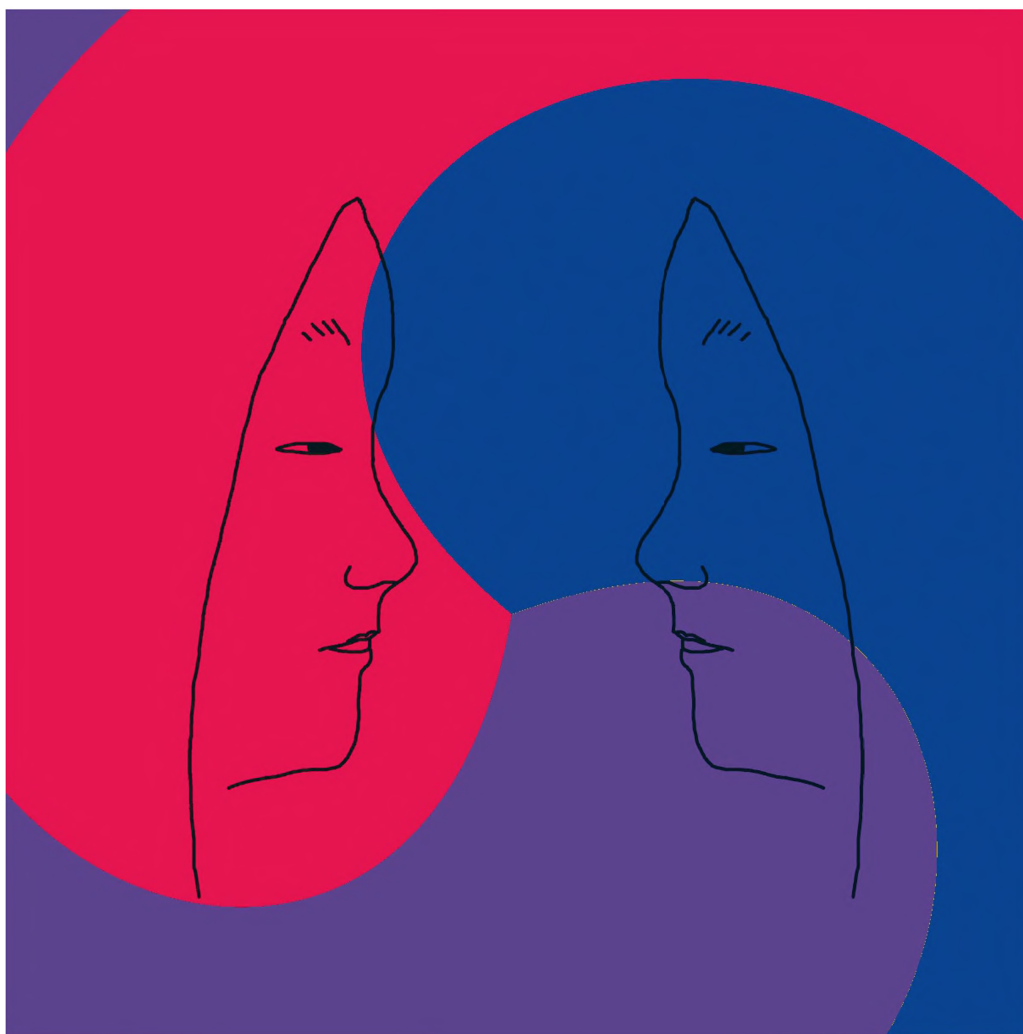
Igualmente, conceitos como divisão sexual do trabalho, desigualdade e discriminação entre homens e mulheres, homo e transfobia, direitos das mulheres, participação política feminina e vários outros são utilizados em agendas políticas debatidas por diferentes organizações internacionais e governos graças à consolidação do campo dos estudos de gênero e o diálogo internacionalmente tecido. Outro conceito fundamental para a análise, o patriarcado, tem seu debate apresentado por Fernanda Maria Caldeira de Azevedo em seu artigo nesta revista. Não obstante, nem todos os conceitos e teorias são rígidas. Dentre as diversas perspectivas e múltiplas abordagens que contribuíram e continuam a contribuir com a revisão das principais teses feministas, temos aquelas contribuições dos movimentos que interseccionam a temática central deste dossiê com outros aspectos, tais como raça, classe, geração, sexualidade, geografia etc. É a partir destas novas premissas que Fernanda Pereira de Araújo e Mayara Ferreira Mattos constatarão algumas críticas que o pensamento decolonial na América Latina não se restringe em pesar por meio de perspectivas feministas. Se já existem tantos conceitos consolidados e referenciados dentro do feminismo, aqueles que partem desta linha de pensamento são necessárias para a reflexão em nosso continente.

O dossiê também não poderia deixar de lado uma outra crítica interseccional bastante relevante na

atualidade, especialmente no Brasil: o debate entre raça e gênero. As feministas negras desde a década de 1960 (e mesmo antes) têm muito a dizer sobre os feminismos ocidentais e seu alcance perante todas as mulheres. A fim de demonstrar para o leitor um pouco da trajetória desta crítica, Jennifer Stephanie Cardoso dos Santos irá em seu artigo historicizar as vozes feministas negras e evidenciar a importância da interseccionalidade para um fazer político e intelectual feminista. O leitor poderá visualizar nesta edição também uma visão prática de tal aplicação em estudos sociais, por meio dos relatos trazidos por Tamires Fraga Martins e Tito Loiola Carvalhal e feitos pelas mulheres negras de dois quilombos na Bahia.

Importante é também articular os campos de estudo teóricos e acadêmicos com outras manifestações que possuem seus próprios discurso sobre

o assunto, sejam críticos ou analíticos. A diversidade desta revista não seria possível sem as contribuições das muitas ilustradoras que estão presentes neste dossiê, como Amanda Trindade, Ingrid Sá Lee, Luíza Nery, Maíra Lima, Prisca Paes, Rafaela Melisse e Thâmara Carvalo. As fotografias que estão presentes no ensaio de Akino Takeda, Jéssica Suelen Dionísio e, principalmente, das mulheres xacriabás de Minas Gerais. Também devemos a Luiza de Oliveira Monteiro e seu ensaio sobre a lógica binária de gênero, um chamado à reflexão importante para a construção da própria forma de se conceber este conceito e os vieses que esse exercício carrega até mesmo dentro dos movimentos. E, finalmente, a impactante *manifesta* de Idylla Silmarovi, com seus gritos incessantes em meio à multidão que se recusa a reconhecer corpos e ações fora do padrão.



Ingrid Sá Lee